PEDAGOGIA DO AFETO: EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ENSINO DE GÊNERO E ETNIA NA PÓS-GRADUAÇÃO

PEDAGOGY OF AFFECTION: A TEACHING EXPERIENCE IN GENDER AND ETHNICITY EDUCATION IN GRADUATE STUDIES

Renan Gomes de Moura[1]

[1] **Professor do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO. E-mail do autor correspondente:**

Eixo Temático: 06

RESUMO

A experiência docente relatada foi desenvolvida em disciplinas de pós-graduação stricto sensu voltadas às discussões de gênero, etnia e interdisciplinaridade, tendo como eixo uma prática pedagógica posteriormente nomeada por uma estudante como "pedagogia do afeto". A experiência partiu da compreensão de que o processo de ensino-aprendizagem não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve diálogo, escuta, reconhecimento dos saberes e das experiências dos estudantes. Ao longo das disciplinas, acontecimentos do cotidiano e experiências trazidas pelas próprias estudantes foram utilizados como elementos disparadores para a discussão dos conteúdos, especialmente em seminários que abordaram temas sensíveis, como racismo, violência e desigualdades de gênero. Buscou-se construir um ambiente de aprendizagem no qual as experiências compartilhadas fossem acolhidas com respeito e utilizadas como possibilidades de reflexão crítica, sem reduzir os conteúdos acadêmicos às narrativas individuais. Como estratégia de encerramento, foi realizada uma atividade de devolutiva individual, na qual foram produzidas cartas destinadas a cada estudante, retomando sua trajetória, participação e contribuições ao longo das atividades. A experiência indicou que a articulação entre afeto, escuta, diálogo e rigor acadêmico favoreceu o envolvimento das estudantes e possibilitou uma relação mais significativa com os conteúdos trabalhados. Conclui-se que uma pedagogia do afeto pode constituir uma prática educativa comprometida com a humanização das relações pedagógicas e com a construção coletiva do conhecimento.

Palavras-chave: Educação. Ensino. Gênero. Relações Étnico-Raciais. Educação de Pós-Graduação.

ABSTRACT

The teaching experience reported was developed in graduate courses focused on discussions of gender, ethnicity, and interdisciplinarity, centered on a pedagogical practice later named by a student as a "pedagogy of affection." The experience was based on the understanding that the teaching-learning process is not limited to the transmission of content, but involves dialogue, listening, and recognition of students' knowledge and experiences. Throughout the courses, everyday events and experiences brought by the students themselves were used as starting points for discussing the course content, especially in seminars addressing sensitive topics such as racism, violence, and gender inequalities. The aim was to construct a learning environment in which shared experiences were welcomed with respect and used as opportunities for critical reflection, without reducing academic content to individual narratives. As a closing strategy, an individual feedback activity was conducted in which letters were written to each student, revisiting their trajectory, participation, and contributions throughout the activities. The experience indicated that the articulation between affection, listening, dialogue, and academic rigor fostered student engagement and enabled a more meaningful relationship with the content addressed. It is concluded that a pedagogy of affection can constitute an educational practice committed to the humanization of pedagogical relationships and to the collective construction of knowledge.

Keywords: Education. Teaching. Gender. Ethnic and Racial Relations. Graduate Education.

INTRODUÇÃO

A sala de aula constitui um espaço de encontro entre diferentes trajetórias, experiências, conhecimentos e formas de interpretar o mundo. No ensino de gênero e etnia, essa dimensão assume particular relevância, uma vez que os conteúdos discutidos frequentemente atravessam experiências concretas de racismo, violência, desigualdade e relações de poder. Nesse contexto, ensinar ultrapassa a transmissão de conteúdos e envolve a construção de condições para que estudantes possam relacionar o conhecimento acadêmico às experiências que constituem suas trajetórias.

Paulo Freire compreende a educação como uma prática fundada no diálogo e na possibilidade de produção compartilhada do conhecimento. Para o autor, ensinar não significa simplesmente transferir conhecimentos, mas criar condições para que eles sejam produzidos e reconstruídos pelos sujeitos envolvidos no processo educativo.[1] Essa perspectiva implica reconhecer que estudantes chegam à sala de aula portando saberes construídos em diferentes espaços sociais e que esses conhecimentos podem participar ativamente do processo pedagógico. Assim, a relação entre professor e estudante não deve ser reduzida à transmissão vertical de conteúdos, mas constituída a partir da escuta, do diálogo e do respeito aos sujeitos.

A contribuição de bell hooks aproxima-se dessa compreensão ao defender uma educação comprometida com a liberdade e com a transformação das relações estabelecidas no espaço educativo. Para hooks, a sala de aula pode constituir um espaço de resistência e transgressão quando estudantes são reconhecidos como sujeitos integrais e quando suas experiências passam a fazer parte da construção do conhecimento.[2] A autora propõe uma pedagogia engajada, na qual a dimensão intelectual não é separada das experiências, emoções e relações estabelecidas entre os sujeitos.[2]

A aproximação entre essas perspectivas permite pensar que o processo educativo não precisa escolher entre rigor acadêmico e afetividade. Ao contrário, o ensino pode ser intelectualmente exigente e, simultaneamente, constituir-se por relações de cuidado, escuta e reconhecimento. Em Freire, a educação possui uma dimensão profundamente humanizadora;[1] em bell hooks, a prática pedagógica engajada pressupõe a presença dos sujeitos e a construção de um espaço no qual suas experiências possam produzir conhecimento.[2]

Foi nesse contexto que surgiu uma situação que posteriormente provocaria a reflexão sobre a própria prática docente. Durante uma das experiências em sala de aula, uma estudante afirmou que o professor possuía uma “pedagogia do afeto”, porque ensinava com afeto. A expressão, inicialmente apresentada como uma percepção da estudante sobre a relação estabelecida em sala, tornou-se uma chave para compreender práticas que já vinham sendo desenvolvidas no cotidiano das disciplinas.

A experiência ocorreu nas disciplinas “Questões sobre Gênero e Etnia” e “Gênero e Interdisciplinaridade”, ofertadas em nível de mestrado. Em ambas, buscou-se aproximar os conteúdos acadêmicos das experiências concretas das estudantes. Situações do cotidiano, acontecimentos sociais, experiências profissionais e vivências pessoais eram frequentemente mobilizados como elementos disparadores para a discussão dos textos e conceitos trabalhados.

Essa estratégia assumia importância particular diante de temas delicados, como racismo, violência e desigualdades de gênero. Quando as estudantes compartilhavam experiências relacionadas a esses fenômenos, buscava-se construir uma relação de acolhimento e respeito, compreendendo que determinadas discussões poderiam mobilizar dimensões pessoais e afetivas. Ao mesmo tempo, tais experiências eram retomadas como elementos para a reflexão acadêmica, estabelecendo uma relação entre experiência, teoria e produção do conhecimento.

Nesse sentido, a experiência relatada aproxima-se daquilo que bell hooks denomina uma pedagogia engajada, na medida em que a prática pedagógica procura reconhecer os estudantes em sua integralidade e transformar a sala de aula em um espaço de participação e produção compartilhada.[2] Também se aproxima da perspectiva de Freire, ao compreender que o diálogo e o reconhecimento dos saberes dos estudantes são elementos constitutivos do processo educativo.[1] Diante disso, o objetivo deste relato é descrever e refletir sobre uma experiência docente orientada por uma prática denominada "pedagogia do afeto", analisando como o diálogo, a valorização das experiências das estudantes e a construção de vínculos afetivos contribuíram para o processo de aprendizagem em disciplinas de pós-graduação sobre gênero e etnia.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência foi desenvolvida em disciplinas de mestrado voltadas às discussões de gênero, etnia e interdisciplinaridade. As turmas eram compostas predominantemente por mulheres, com diferentes formações acadêmicas, experiências profissionais e trajetórias de vida. Essa diversidade constituiu um elemento relevante para o desenvolvimento das atividades, uma vez que os conteúdos trabalhados encontravam diferentes formas de expressão nas experiências trazidas pelas estudantes.

O planejamento das aulas procurava estabelecer uma relação permanente entre os conteúdos teóricos e situações concretas. Os textos e conceitos discutidos eram apresentados como instrumentos para interpretar fenômenos sociais e, posteriormente, relacionados a acontecimentos cotidianos, notícias, experiências profissionais e situações vivenciadas pelas próprias estudantes. A intenção era evitar que a teoria permanecesse distante das experiências sociais dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Os seminários constituíram uma das principais estratégias pedagógicas utilizadas. As estudantes eram responsáveis pela apresentação de textos e discussões relacionadas aos conteúdos das disciplinas. Entretanto, a atividade não era compreendida como mera exposição do conteúdo. Após cada apresentação, eram estimuladas perguntas, comentários, problematizações e relações com situações concretas.

Essa dinâmica possibilitou que as experiências das estudantes fossem incorporadas às discussões. Em diferentes momentos, as alunas traziam situações relacionadas ao racismo, à violência, às desigualdades de gênero e a outras formas de opressão. Esses relatos eram recebidos com atenção e respeito, buscando-se construir um ambiente no qual as estudantes pudessem falar sem que suas experiências fossem desqualificadas ou tratadas como elementos secundários.

A prática, contudo, não consistia simplesmente em abrir espaço para relatos pessoais. As experiências eram utilizadas como pontos de partida para a problematização dos conceitos discutidos. Uma situação vivenciada por uma estudante poderia, por exemplo, ser retomada

coletivamente a partir das categorias teóricas trabalhadas na disciplina. Dessa forma, estabelecia-se um movimento entre experiência e teoria: a experiência provocava a reflexão, enquanto o conhecimento acadêmico permitia ampliar, questionar e complexificar a compreensão daquela experiência.

Essa dinâmica encontra forte aproximação com Paulo Freire. Ao defender que ensinar não é transferir conhecimento, Freire destaca a importância de criar possibilidades para que os sujeitos produzam e reconstruam saberes.[1] Na experiência relatada, essa perspectiva se concretizava na tentativa de reconhecer que aquilo que as estudantes traziam para a sala de aula também poderia constituir matéria para a produção do conhecimento.

A experiência também dialoga diretamente com bell hooks. Ao discutir uma educação como prática da liberdade, hooks propõe que o ensino seja construído de forma engajada, reconhecendo a experiência dos sujeitos e questionando formas tradicionais de autoridade e silenciamento na sala de aula.[2] A autora compreende que uma prática pedagógica transformadora precisa considerar os estudantes como sujeitos que possuem histórias, conhecimentos e experiências que atravessam o processo de aprendizagem.

Foi nesse contexto que uma estudante afirmou que o professor possuía uma "pedagogia do afeto", porque ensinava com afeto. A expressão provocou uma reflexão sobre o modo como a prática vinha sendo desenvolvida. O afeto, até então compreendido como parte natural da relação estabelecida com as estudantes, passou a ser reconhecido como uma dimensão pedagógica.

Essa dimensão não significava ausência de rigor ou redução das exigências acadêmicas. Ao contrário, procurava-se articular acolhimento e exigência, escuta e problematização, experiência e teoria. A estudante poderia ter sua experiência acolhida e, simultaneamente, ser provocada a analisá-la criticamente a partir dos autores e conceitos trabalhados na disciplina.

Essa compreensão é particularmente relevante em disciplinas que abordam questões de gênero e etnia, pois muitos dos conteúdos discutidos estão relacionados a experiências de violência, discriminação e desigualdade. A possibilidade de falar sobre essas experiências em um ambiente marcado pelo respeito permitiu que situações individuais fossem transformadas em objetos de reflexão coletiva.

Ao final das disciplinas, foi realizada uma atividade de devolutiva individual que buscou sintetizar o percurso realizado por cada estudante. Para isso, foi preparada uma apresentação na qual cada aluna recebeu uma carta escrita especificamente para ela.

As cartas retomavam aspectos da participação de cada estudante ao longo da disciplina, destacando contribuições realizadas nos seminários, questões levantadas durante as aulas, características percebidas em sua trajetória e formas pelas quais cada uma havia participado da construção coletiva daquele espaço de aprendizagem. A proposta era que nenhuma estudante fosse percebida apenas a partir de uma nota, de uma apresentação ou de uma atividade isolada.

A carta funcionou, portanto, como uma forma de reconhecimento individual dentro de uma experiência coletiva. O professor devolvia às estudantes não apenas uma avaliação de seu desempenho, mas uma narrativa sobre sua trajetória naquele espaço pedagógico. O gesto

buscava comunicar que cada estudante havia sido percebida em sua singularidade e que sua participação havia produzido efeitos no processo coletivo de aprendizagem.

A atividade também contribuiu para a retomada dos conteúdos trabalhados. Ao escrever sobre cada estudante, foram recuperados conceitos, discussões e momentos vivenciados durante os seminários. A devolutiva tornou-se, assim, uma estratégia de síntese do percurso pedagógico.

A percepção construída a partir da experiência foi de que essa forma de devolutiva contribuiu para ampliar a identificação das estudantes com os conteúdos trabalhados. Ao reconhecerem suas próprias trajetórias nas cartas, elas puderam também recuperar os conceitos e discussões que haviam atravessado a disciplina. A aprendizagem passou a ser relacionada não somente ao conteúdo formal, mas à experiência vivida naquele espaço.

Nesse aspecto, a experiência aproxima-se novamente de bell hooks, especialmente quando a autora defende uma educação que reconheça a sala de aula como espaço de encontro entre sujeitos e não apenas como local de transmissão de informações.[2] O afeto, nessa experiência, não apareceu como elemento acessório, mas como parte da construção da relação pedagógica.

Da mesma maneira, a experiência pode ser relacionada à concepção freireana de educação como prática humanizadora. Para Freire, o ato educativo pressupõe o reconhecimento da dignidade dos sujeitos e a construção de relações baseadas no diálogo.[1] A prática desenvolvida buscou materializar esse princípio por meio da escuta das estudantes, do reconhecimento de suas experiências e da construção de espaços de participação.

Assim, a expressão “pedagogia do afeto” passou a representar uma prática composta por diferentes dimensões: escutar, acolher, provocar, reconhecer, dialogar e ensinar. Não se trata, portanto, de uma técnica ou método fechado, mas de uma postura pedagógica que procura compreender que a aprendizagem ocorre em relações humanas concretas.

CONCLUSÃO

A experiência relatada possibilitou refletir sobre a afetividade como dimensão constitutiva da prática docente em disciplinas de pós-graduação voltadas às discussões de gênero e etnia. A utilização das experiências cotidianas das estudantes como elementos disparadores das discussões, o acolhimento de relatos relacionados a temas sensíveis e a articulação entre experiência e teoria favoreceram um ambiente de aprendizagem marcado pelo diálogo e pela participação. A expressão “pedagogia do afeto”, formulada por uma estudante, permitiu nomear uma prática na qual o afeto não se opõe ao rigor acadêmico, mas contribui para criar condições de envolvimento, escuta e produção de conhecimento.

Em diálogo com Paulo Freire e bell hooks, a experiência indica que ensinar pode ser compreendido como uma prática simultaneamente intelectual, relacional e humanizadora.[1],[2] A atividade de escrever uma carta individual para cada estudante, ao final da disciplina, ampliou essa perspectiva ao transformar a devolutiva em uma experiência de reconhecimento, retomando aprendizagens, trajetórias e contribuições individuais. A continuidade dessa prática pode contribuir para o desenvolvimento de formas de ensino que articulem rigor acadêmico, diálogo, experiência e afeto, especialmente em espaços formativos nos quais os conteúdos discutidos atravessam diretamente as experiências sociais dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 2021.

2. hooks b. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2013.